



1.20 • Conjuntura internacional

“Jihadismo de natureza autóctone” e “lobos solitários”: a terceira forma de *al-Qaeda*

Felipe Pathé Duarte

À SEMELHANÇA DA ÁGUA que pode ter três estados (líquido, sólido e gasoso), em década e meia a *al-Qaeda* reificou-se em três formas: uma central, outra periférica e outra inspiradora. A primeira remonta à génese da organização e pode ser identificada numa estrutura de uma cadeia de comando e controlo. A segunda, que se assume depois dos ataques de 11 de Setembro de 2001, assenta numa rede global de células e outras organizações jihadistas, em jeito de estrutura franchisada. Por fim, há uma terceira forma que foi surgindo na clara impossibilidade de uma estrutura identificada de comando e controlo. Ganha proeminência a partir da segunda metade da década de 2000. Pode ser reconhecida não como uma organização, mas como um sistema que parte de uma ideologia e que assenta numa estrutura fluida, não verticalizada, difusa, sem hierarquia, e que navega numa rede virtual. Temos então uma *al-Qaeda* multiforme que se adapta consoante o teatro de operações.

O jihadismo de natureza autóctone

Esta forma de acção armada, por regra, não depende de uma ligação com o comando central, das estruturas afiliadas. Desenrola-se essencialmente em países ocidentais, onde não há uma frente aberta de guerra jihadista e onde o Estado não está permeável aos frutos da acção subversiva. É normalmente levada a cabo por actores individuais ou grupos que vivem e estão estabelecidos nesses países e que são inspirados ou motivados pelo Jihadismo Global.

No espaço europeu, uma grande parte dos actores que perpetram “jihadismo de natureza autóctone”

provém de comunidades socialmente marginalizadas. Na Europa tendem a ser porosos à radicalização e à *jihad*, exilados radicais e jovens migrantes muçulmanos de segunda e terceira geração que vivem numa espécie de limbo identitário. Estes, desenraizados por não se sentirem pertença dos países de origem da família e por não se reconhecerem nos países de acolhimento, tornam-se permeáveis a uma doutrina que lhes fornece uma outra realidade. É-lhes dada uma identidade e uma noção de pertença.

No caso norte-americano a situação é ligeiramente diferente, uma vez que os actores desta terceira forma de *al-Qaeda* estão melhor integrados na sociedade. Provêm das mais diversas condições socioeconómicas, variam em idade, etnicidade e habilitações. Muitos, contrariamente ao caso europeu, nem sequer têm registo criminal.

O nível operacional dos vários grupos ou actores individuais que agem inseridos neste tipo de estrutura é variável. Nem todos têm a mesma capacidade financeira ou experiência militar. Com efeito, uma grande parte das acções armadas tem sido abortada pelas forças e serviços de segurança ainda em fase de planeamento. Outras, por eventual falta de financiamento ou experiência militar, acabam por não ser levadas a bom porto pelos operacionais. Porém, isso pouco importa para a dimensão propagandística. Aliás, a *al-Qaeda* parece reconhecer que este tipo de ataques em solo ocidental não precisa de sucesso operacional para se efectivarem e terem as repercussões desejadas.

Para além da gestação da radicalização se processar em território onde é levada a cabo a acção, há quatro grandes características que nos permitem identificar uma acção jihadista como sendo de “natureza autóctone”. Falamos então da importância crucial do elo ideológico que os une; do uso da internet como forma de comunicação; do papel das redes sociais como forma de radicalização e de gatilho para acção armada; e da actuação individual ou em pequenos grupos.

Na primeira característica, resta apenas sublinhar que a ideologia do Jihadismo Global surge como o elemento comum dos diversos grupos e actores individuais. Havendo a este nível um claro esmiuçar da narrativa da guerra do mundo ocidental contra o Islão, passando a cada potencial jihadista um sentimento de protecção da *Ummah* (comunidade de muçulmanos), que se encontra sob ameaça, e de pertença ao topo da espada de um movimento global. Repare-se que a projecção de forças ocidentais em países de maioria muçulmana vem corroborar esta mensagem. É uma mensagem que se adequa com facilidade às frustrações e ao extremismo de vários muçulmanos a viver em países ocidentais, aca-

bando por uni-los em prol de uma causa comum. A dependência da internet como forma de comunicação é crucial. Em primeiro porque desempenha um importante papel na disseminação ideológica. E em segundo porque também serve como base de coordenação, facilitação e apoio de acções armadas. Há ainda que chamar a atenção ao papel das redes sociais da internet que acabam por substituir as redes físicas. Plataformas virtuais como as contas de *e-mail*, blogs, fóruns, *softwares* que disponibilizam vídeos *online* ou que permitem a comunicação por voz e imagem em tempo real, têm sido os grandes instrumentos daqueles que procuram juntar-se à militância e levar a cabo acções armadas. O acesso fácil à internet e a disponibilidade de informação permitiu que qualquer indivíduo chegue à mensagem jihadista, se assim o entender, de uma forma individual e de difícil monitorização por parte de forças e serviços de segurança.

“ Os actores do “jihadismo de natureza autóctone” e os “lobos solitários” [...] inseridos culturalmente na sociedade anfitriã que pretendem atacar, estão pouco permeáveis à monitorização por parte das forças e serviços de segurança. ”

Além disso, a internet também tem sido usada para apoio e planeamento operacional, bem como para treino “virtual”. Embora sem grande sucesso operacional, o treino “virtual” surge como resposta à impossibilidade de treino presencial nos campos entre o Afeganistão e Paquistão, fruto da monitorização constante de viagens de potenciais jihadistas. A revista jihadista *online* de língua inglesa *Inspire* cumpre essa tarefa eficazmente, ensinando, por exemplo, com uma forte carga imagética, como fazer uma bomba numa cozinha ou ainda como se deve rentabilizar uma espingarda automática AK-47.

A dependência das redes sociais físicas acaba também por ser uma característica do jihadismo de “natureza autóctone”. Intermediários com ligações, mesmo que ténues, às duas primeiras formas de *al-Qaeda*, têm funcionado como uma espécie de mobilizadores e facilitadores, acelerando o processo entre a radicalização e a acção armada. Muitos deles, dominando a língua local, acedem com facilidade a algumas comunidades islâmicas, podendo, entre os seguidores, transmi-

NÚMERO DE ATAQUES

Nos EUA, entre 2001 e 2008, houve 21 ataques jihadistas, falhados ou bem sucedidos, de “natureza autóctone”. Mas, entre Maio de 2009 e Outubro de 2011, já foram registados 32 ataques falhados ou bem sucedidos em solo norte-americano.

No espaço Europeu, através dos relatórios anuais sobre terrorismo na União Europeia produzidos pela Europol, pode ver-se que entre 2006 e 2011 houve apenas 9 ataques falhados ou bem sucedidos, e, sob acusação de ligação a acções armadas em nome da *al-Qaeda*, foram presos 1056 militantes.

Perante estes factos, permitimo-nos então poder afirmar que o “jihadismo de natureza autóctone” é o tipo de acção que tende a caracterizar esta terceira forma de *al-Qaeda*.

Fonte: Kurzman, Charles; “Muslim-American Terrorism in the Decade Since 9/11”; *Triangle Center on Terrorism and Homeland Security*, 8 February 2012; *EU Terrorism and Situation and Trend Report de 2008* (contém dados de 2006 e 2007); 2009, 2010, 2011 e 2012. Os relatórios estão disponíveis em https://www.europol.europa.eu/latest_publications/25.

	Figuras/Grupos	Tipo de acção armada
Acção individual e isolada	Andrew “Isa” Ibrahim (n. 1989)	Preso pelas forças de segurança em Bristol por suspeitas de terrorismo em Julho de 2009 (material suficiente para atentado suicida apreendido em casa).
	Roshonara Choudhry (n. 1989)	Tentou esfaquear o deputado britânico Stephen Timms em Maio de 2010. Influência dos sermões <i>online</i> do norte-americano de origem iemenita Anwar al-Awlaki.
	Colleen LaRose – <i>Jihad Jane</i> (n. 1963)	Norte-americana convertida ao Islão. Presa em 2010 por apoio e recrutamento para a <i>jihad</i> global e também por estar envolvida na tentativa de assassinato de um sueco que caricaturou a figura de Mohammed.
Acção individual com ligação a mobilizadores ou facilitadores	Nidal Malik Hassan (n. 1970) – Major do Exército americano	Nas instalações militares de <i>Fort Hood</i> , Texas, disparou contra os vários soldados que ali se encontravam. Foram mortas 13 pessoas e 32 ficaram feridas. Mantinha contactos regulares com Anwar al-Awlaki.
	Mohamed Merah (1988 - 2012)	Matou três soldados franceses de ascendência magrebina, um rabi e três crianças numa escola judaica, em Montauban e Toulouse, França, Março de 2012. Radicalização consolidada em viagens ao Paquistão e Afeganistão.
Acção grupal, com ou sem ligação	Grupo <i>Hofstad</i>	Assassinato do realizador holandês Theo van Gogh, em Novembro de 2004. Um membro associado aos atentados de 2003 em Casablanca. Três membros alegadamente tentaram sabotar o campeonato europeu de futebol em Portugal em 2004.
	Grupo de <i>Fort Dix</i>	Atentado não executado por seis jovens radicais contra as instalações militares de Fort Dix, em Nova Jérsei, EUA, em Maio de 2007.
	Jihad Hamad (n. 1985) e Youssef al-Hadjib (n. 1985)	Colocaram duas bombas em comboios regionais que partiam da estação de Colónia, na Alemanha, em Julho de 2006.

Tipos de “lobo solitário”. Fonte: Felipe Pathé Duarte

tir a mensagem da *jihad* global, motivando assim à acção armada.

A quarta característica tem a ver com facto do “jihadismo de natureza autóctone” ser levado a cabo por pequenos grupos ou individualmente. Neste caso, temos então os entusiastas e os que efectivam a acção armada. Os primeiros são classificados pelo analista norte-americano Jarret Brachman como *jibobbyists*. Isto é, indivíduos que se interessam e seguem as movimentações da primeira e segunda formas de *al-Qaeda*, mas sem qualquer tipo de ligação ao comando central ou a grupos afiliados¹. No fundo, são militantes que têm como *bobby* a *jihad* e que levam a cabo a sua participação indirecta através do seu computador: alojando *websites*, editando vídeos propagandísticos e publicações *online*, compilando e disponibilizando sermões e discursos de líderes... É sobretudo através deles que a ideia de *al-Qaeda* se mantém dinâmica e mobilizadora, pois sustentam a plataforma virtual que une os pequenos grupos e os indivíduos que procuram a acção armada.

Estimulados então pelos *jibobbyists*, que contribuem para a ideia de uma subversão global em nome da *al-Qaeda*, está então o “subconjunto” que a maioria dos especialistas em contra-terrorismo apelida de “lobos solitários”, que podem, ou não, actuar em grupo. São eles que efectivam a *jihad* em território onde não há frente de guerra aberta, nem tradição de subversão armada jihadista.

“Lobos solitários”: uma tipologia

Por “lobos solitários” são considerados aqueles indivíduos (ou pequenas células de indivíduos) que em nome do Jihadismo Global perpetraram acções armadas contra concidadãos, mormente civis, de países ocidentais. Esta forma de acção

armada é caracterizada por um certo isolamento operacional. Neles não se conhece qualquer tipo de relação directa nem com o comando central, nem com as afiliadas regionais. Destas duas últimas formas apenas retiram inspiração e orientação. Isto é, funcionam como “guiões” doutrinários e modelos genéricos de comportamento, seja pela disseminação propagandística seja pelo mimetismo operacional.

Assim, este tipo acção opõe-se àquela levada a cabo por grupos ou indivíduos que, mesmo actuando em território e contra concidadãos ocidentais, de uma maneira formal ou informal, têm uma ligação a uma estrutura mais ampla. Mas estas acções não deixam de ser fruto do “jihadismo de natureza autóctone”. Todavia não são perpetradas pelo que as classificamos como “lobos solitários”. Note-se que nem sempre esta distinção é cabalmente conseguida. Determinadas acções armadas têm sido, no imediato, classificadas como produto de “lobos solitários”. Porém, a distância temporal e uma análise mais profunda vêm provar ligações ao comando central *qaedista* ou a afiliadas regionais. Este foi o caso, por exemplo, dos atentados de Londres, a 7 de Julho de 2005. Efectivamente, tudo indicava que a célula que os perpetrara fosse de “lobos solitários”, porém as investigações provaram o contrário, uma vez que os militantes, alegadamente, teriam ligações directas com o comando central da *al-Qaeda*. Um outro caso foi o atentado falhado de *Times Square*, Nova Iorque, em Maio de 2010 – embora agindo individualmente, Faisal Shahzad teria ligações à cúpula do grupo paquistanês *Tebrik-i-Taliban*. Ou ainda o atentado gorado contra um avião de passageiros, no Natal de 2009, pelo nigeriano Umar Farouk Abdulmutallab, que agiu individualmente, mas não isoladamente – treinou

e mantinha contactos com a estrutura da *Al-Qaeda* na Península Arábica. Nestes casos o contacto parece ser físico e permanente, não apenas *online* ou por aspiração e inspiração *jihadista*. Posto isto, será pois adequado afirmar que todos os “lobos solitários” se inserem no jihadismo de “natureza autóctone”. Mas nem todos os *jihadistas* de “natureza autóctone” actuam como “lobos solitários”.

Podemos então dizer que há três possíveis tipos de “lobos solitários”². Há os que actuam individualmente e de uma forma totalmente isolada, sem qualquer tipo de ligação a facilitadores. Há os que actuam individualmente, mas que têm um determinado nível de ligação a facilitadores e mobilizadores. E, por fim, há os que actuam em grupo. São vários os exemplos de acontecimentos que se enquadram nesta tipologia.

No fundo, o que nos demonstram é que o poder da narrativa *qaedista* funciona para além de uma estrutura com uma cadeia de comando. Nenhum deste *jihadistas* manteve contacto físico com membros da *al-Qaeda* ou grupos afiliados. Agiram espontaneamente sem obedecer a nenhum comando. Trata-se de pequenos grupos compostos por membros que partilham a mesma mundividência e que são autodidactas ao nível operacional.

Conclusão

Os actores do “jihadismo de natureza autóctone” e os “lobos solitários” tornam-se extremamente perniciosos, pois inseridos culturalmente na sociedade anfitriã que pretendem atacar, estão pouco permeáveis à monitorização por parte das forças e serviços de segurança. Mas, por outro lado, a ligação não formal também se pode traduzir numa certa inépcia operacional, pela falta de treino e de apoio logístico e financeiro. Mas, embora a capacidade para grandes atentados seja agora reduzida, a cúpula *qaedista*, com base nesta “liberalização” ideológica, pensou estrategicamente a possibilidade de vários atentados em pequena escala. E isso tem de facto sucedido nos últimos anos.

Tanto o “jihadismo de natureza autóctone” como os “lobos solitários” são o produto desta terceira forma de *al-Qaeda*. Se os primeiros ainda podem assentar numa ligação directa à estrutura central ou a afiliadas, os segundos são os que consubstanciam a “liberalização” total do Jihadismo Global. Nesta terceira forma de *al-Qaeda*, destaca-se então o papel de ideologia que, criando verdadeiros avatares, serve de motor para acção armada em países ocidentais, nomeadamente na Europa e nos EUA. ■

Notas

¹ Cf. BRACHMAN, Jarret — *Global Jihadism – Theory and Practice*. Londres: Routledge, 2009; pág. 19.

² Para uma tipologia mais completa dos “lobos solitários” cf. Pantucci, Raffaello; “A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists”; in *Developments in Radicalization and Political Violence*; International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence, King’s College London, March 2011.